

O PERTENCIMENTO E O LUGAR: UM ESTUDO ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CUIDADORES DE IDOSOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA DE UM MUNICÍPIO NO INTERIOR DE MINAS GERAIS¹

THE BELONGING AND THE PLACE: A STUDY ON THE SOCIAL REPRESENTATIONS OF ELDERLY CAREGIVERS IN A LONG-TERM INSTITUTION OF A MUNICIPALITY IN THE INTERIOR OF MINAS GERAIS

Letícia FRANCO DE OLIVEIRA²
Alessandro Gomes ENOQUE³

Resumo: As instituições de longa permanência para idosos (ILPI) são locais coletivos que acolhem idosos que necessitam de moradia e cuidado em longo prazo. Neste sentido, este estudo teve como objetivo analisar as representações sociais de uma instituição de longa permanência na perspectiva dos cuidadores de idosos. Partindo de uma abordagem de natureza qualitativa, foram realizadas oito entrevistas com cuidadores de uma instituição de longa permanência em um município do interior do estado de Minas Gerais. A análise de conteúdo foi utilizada como método de análise dos dados. Por meio da análise das entrevistas, pode-se verificar que a percepção do lugar (ILPI) para cada cuidador é subjetiva. Neste sentido, suas vivências, pertencimentos, experiências e simbolismos encontram-se de acordo com as suas emoções e interações com o espaço da instituição.

Palavras chaves: Instituição de longa permanência para idosos (ILPI); representação social; lugar, cuidador.

Abstract: Long-term care institutions for the elderly (ILPI) are collective places that welcome elderly people who need housing and long-term care. In this sense, this study aimed to analyze the social representations of the place of a long-term institution in the perspectives of caregivers of the elderly. The study used the qualitative research method. Eight interviews were conducted with caregivers of a long-term institution in a municipality in the interior of the state of Minas Gerais. The content analysis was used as a method of data analysis in this work. By means of the interviews we can verify that the perception of the place (ILPI) for each caregiver is subjective. In this sense, their experiences, belongings, and symbolisms happen in accordance with their emotions and interactions within the space of the institution.

Key words: Long-term institution for the elderly; social representation; place; caregiver.

Introdução

¹ Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio concedido na realização deste trabalho.

² Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal. E-mail: leticia.franco19@hotmail.com

³ Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal (PPGEP/PONTAL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-Doutor em Sciences Humaines pela École des Sciences de la Gestion (ESQ) da Université du Québec à Montréal (UQAM). Doutor em Ciências Humanas (Sociologia e Ciência Política) pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG). Mestre em Administração de Empresas (Área de Concentração: Organizações e Recursos Humanos) pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (FACE/UFMG). E-mail: alessandroenoque@ufu.br

O processo de envelhecimento da população vem se efetivando ao longo dos anos. Com a chegada da velhice, alguns idosos necessitam de uma atenção especial no âmbito dos cuidados com a saúde. Nesta perspectiva, algumas famílias não conseguem prover os cuidados necessários aos seus idosos, optando por contratar um trabalhador especializado ou, até mesmo, levá-los para Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). No caso específico das famílias de baixa renda, esses cuidados parecem ser fornecidos, principalmente, por ILPIs.

Nesta vertente, estas instituições podem ser compreendidas, fundamentalmente, como espaços destinados para o desenvolvimento de atividades de cuidado para indivíduos com sessenta anos ou mais. No senso comum, essas instituições são conhecidas, no Brasil, como asilos ou abrigos de idosos, sendo estes, em sua maioria, financiados por entidades filantrópicas.

No que diz respeito ao funcionamento interno das ILPIs, estas normalmente contam com o auxílio de cuidadores de idosos que desenvolvem atividades de cuidado plenas de atenção intensa e constante. Assim, os trabalhadores de cuidado têm suas atividades centradas em inspecionar o dia a dia dos idosos institucionalizados. Essa inspeção perpassa o controle dos horários de medicação, a higienização e a alimentação.

Desta forma, as relações estabelecidas entre idosos e cuidadores, assim como dos cuidadores para com o espaço (ILPI), são intensas e dotadas de certa subjetividade. Essas interações promovem a efetivação da dimensão emocional materializada no espaço da instituição de longa permanência. Assim, as representações sociais produzidas pelos cuidadores despertam sentimentos e sensações em relação ao espaço.

Nesta perspectiva, imagens, pertencimentos, familiaridades e símbolos são produzidos pelos cuidadores e manifestados no espaço. Neste sentido, este estudo, de natureza essencialmente qualitativa, tem como objetivo principal compreender e analisar as representações sociais do lugar de uma instituição de longa permanência na perspectiva dos cuidadores de idosos. Para melhor compreender esta realidade, a construção do referencial teórico seguiu a linha de pensamento humanista, juntamente com a corrente filosófica da fenomenologia. Os autores utilizados para esta construção foram: Bartoly (2007; 2012); Claval (2007); Ferreira (2000); Filho (2012); Holzer (1999; 2008); Mello (2012); Oliveira (2012), Relph (2012), Souza (2013), Tuan (1974; 1983) e Vasconcellos (2008). Por outro lado, e como forma de compreender a dinâmica, bem como as especificidades da atividade de cuidado, utilizamos autores que centraram seus estudos nesta temática. São eles: Bendassolli; Falcão (2013), Bonfim; Gondim (2010), Camarano (2013), Guimarães et.al (2007), Hirata; Kergoat (2007), Kergoat (2009; 2010; 2016), Hochschild (2003), Molinier (2012; 2013), Soares (2013), Standing (2001) e Zelizer (2012).

O lugar enquanto palco de representações sociais e vivências.

O conceito de lugar é uma das categorias analíticas da geografia, acompanhada pelos conceitos de território, paisagem, região e espaço. É imprescindível entender que os conceitos de espaço e lugar andam juntos, mas que cada um apresenta conceito e manifestações geográficas, sociais e culturais diferentes.

O espaço apresenta um significado mais amplo, sendo que o sujeito estabelece relações de interações, representações e vivências, a ponto de criar valores, significados e identidades com este espaço amplo, concebendo, assim, laços que permitem que ele seja chamado de lugar. Dessa maneira, Yfu Tuan (1983, p. 03) argumenta que “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”.

Com efeito, o lugar é uma construção através do espaço. Vale salientar que os dois conceitos geográficos são utilizados para

[...] designações do nosso cotidiano, indicando experiências triviais, do dia a dia. Não há necessidade de fazer um esforço consciente para estruturar nosso espaço, uma vez que esse espaço em que nos movemos e nos locomovemos, integrante da nossa vida diária, é de fato o nosso lugar. (OLIVEIRA, 2012, p.11)

Inicialmente, o nosso primeiro contato é com o espaço indiferente. À medida que construímos relações sociais, emocionais e afetivas com esse espaço indiferente, passamos a moldá-lo de acordo com nossas relações e necessidades. Assim, o que era espaço indiferente passa a ser considerado um lugar. Assim, à proporção que preenchemos esse espaço geográfico de significados e valores, criamos raízes com esse espaço. Logo, nos apropriamos e nos sentimos pertencentes a ele, chamando-o de lugar.

Como estratégia de nos fixarmos em algum ponto do espaço, para desenvolver nossas necessidades físicas e emocionais, criamos diversos mecanismos que nos situam nos lugares. Ferreira (2000) classifica que:

Para a Geografia Humanista, é, portanto, o nosso sentido de tempo, de ritual, que ao longo prazo cria nosso sentido de lugar e de comunidade. São os horários que estabelecemos para nós mesmos que nos colocam em contato uns com os outros. Não é a proximidade, mas o compartilhamento de horários que nos aproxima. (FERREIRA, p. 67)

Nossas experiências produzem vivências com os espaços, que são dotados de sentidos e valores. Nessa perspectiva, a Geografia Humanista tem, como papel fundamental, o entendimento subjetivo das dinâmicas sociais que envolvem a análise do movimento humano e suas marcas deixadas no meio. Neste sentido, um dos

[...] preceitos da fenomenologia foi definir o lugar enquanto uma experiência que se refere, essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos “espaço”. (HOLZER, 1999, p. 70)

Portanto, a Geografia Humanista tem sua base na fenomenologia, corrente de pensamento que qualifica as dinâmicas sociais que se manifestam no meio. Posto isso, a fenomenologia procura entender o processo e o desenvolvimento da relação homem-meio, bem como analisar a essência dos objetos que são implantados no meio. Logo, o desenvolvimento do estudo fenomenológico procura dar ênfase aos aspectos subjetivos.

Conforme esclarece Tuan (1983, p. 143) “A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar”. Portanto, na corrente da Geografia Humanista, o conceito de lugar emerge com uma fundamentação voltada para o lugar das vivências dos sujeitos e dos grupos sociais. Dessa forma, os discursos de vivências e experiências das pessoas e dos grupos sociais são enriquecedores para os estudos dos lugares.

Previamente, indo além na conceituação da categoria lugar, deve-se mencionar que os conceitos que estruturam a fundamentação de lugar, com ênfase nos sentimentos despertados por este, são classificados como topofilia e topofobia, sendo que ambos os conceitos dizem

respeito às sensações que os lugares despertam nas pessoas. Neste sentido, “conhecer um lugar é desenvolver sentimento topofílico ou topofóbico. Não importa se é um local natural ou construído, pois a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo”. (OLIVEIRA, 2012, p.12).

Dessa forma, o conceito de topofília é definido por Tuan (1974, p. 04) como um “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, difuso como conceito vivido e concreto como experiência pessoal”. Portanto, os aspectos de afetividade e identidade são considerados no conceito de topofília.

Todavia, o conceito de topofobia, sendo o contrário da topofília, desperta o medo dos lugares, a rejeição em relação a estes.

Portanto, o lugar se origina a partir das nossas relações com o espaço, sejam essas relações emocionais, sociais, afetivas e diversas outras. Para Diniz Filho (2012, p. 167) “[...] A relação afetiva mais imediata dos indivíduos com o espaço se dá no lugar, isto é, em espaços reduzidos nos quais se entabulam as relações mais diretas entre as pessoas no seu dia a dia”.

O lugar nos remete a sentimentos de aconchego, cuidado, abrigo e diversos outros sentimentos, que estão relacionados com acolhimento. Assim, o lugar tem, como pano de fundo, uma “[...] dimensão cultural-simbólica e, a partir daí, as questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentidos dos lugares, enquanto espacialidades vividas e percebidas”. (SOUZA, 2013, p. 115).

Devido ao cuidado existente nas instituições de longa permanência, podemos classificá-las como lugares íntimos, definidos como “lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato. Há ocasiões em que até o adulto saudável anseia pelo aconchego que conheceu na infância [...]” (TUAN, 1983, p. 152).

Um dos principais intuitos das ILPIs é sanar as necessidades dos idosos, que apresentam uma seara diversificada de necessidades, pois cada um deles possui uma necessidade diversa. Dessa forma, o cuidado é pensado e executado para amenizar as vulnerabilidades de cada idoso.

O espaço inicialmente habitado é considerado obscuro e estranho para os seres humanos e, por isso, a primeira impressão acerca de um espaço nunca antes visto e sentido, é a sensação de mistério. Bartoly (2012) argumenta sobre o espaço inicialmente indiferenciado e a construção do espaço familiarizado, enfatizando que:

O desconhecido é um desafio. Mover-se em um espaço em que não reconhecemos as formas, em que podemos até compreender o sentido de sua arrumação, mas no qual não conseguimos imprimir as referências que nos permitam identificá-lo, causa em geral uma sensação de desconforto. Quando se constrói conhecimento sobre grandes áreas, estas podem deixar de ser um espaço indiferenciado para ser um lugar. Por meio da experiência no espaço, do reconhecimento de referenciais de localização e da própria vivência com outras pessoas, constrói-se um espaço familiar quanto à locomoção e também em termos de lembranças e significados, independentemente da amplitude da área. (BARTOLY, 2012, p. 71)

As relações estabelecidas com o espaço proporcionam as familiaridades, que criamos com este. Tuan (1983, p. 83) afirma que “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”.

Nossas experiências desenvolvem as familiaridades e as identidades nos lugares, de modo que passamos a diferenciar, de maneira subjetiva, os lugares com os demais espaços. Bartoly (2007) salienta que:

Individualmente pode-se estabelecer uma identidade própria com um lugar. “É a combinação das diversas identidades pessoais, atribuídas a uma determinada porção do espaço, que gera a identidade desse lugar, ou a identidade que a coletividade estabelece com este lugar”. (BARTOLY, 2007, p. 106)

Portanto, é a partir do vínculo que criamos com o espaço que construímos o lugar e o qualificamos, de acordo com nossas representações, sentidos e identidade. Temos o hábito de classificar e até mesmo nomear os lugares, a fim de que eles se tornem diferentes de outros lugares. Carsalade (2007) argumenta que:

Ao qualificá-los toma-se posse deles em seu nome e no nome do grupo que representa, criando condições para que estes e seus descendentes se orientem, se identifiquem e reconheçam aquele lugar como seu berço e sua vida, como seu patrimônio, portanto. A sua marca, configurada nos ícones e atributos que conferiu ao lugar é, portanto, algo a se preservar, pois ela lhe confere raízes, senso de pertencimento e o diferencia de outros. Aquilo que o homem fez, passa a ‘lhe fazer’, lhe influenciar, lhe sinalizar a vida. (CARSALADE, 2007, p. 174)

Seguindo o pensamento de Carsalade (2007) sobre o lugar, podemos afirmar que o espaço das ILPIs é identificado e reconhecido como um lugar que acolhe e cuida dos idosos, qualificações estas que marcam os atributos das instituições e as difere de outros lugares.

Com isso, a partir do momento em que o homem passa a se relacionar com o espaço, imprimindo-lhe seu simbolismo, ele passa a dar origem ao seu lugar, marcando sua identidade neste espaço. Ademais, toda a construção da relação do homem com o lugar é carregada de valores e significados que são produzidos a partir das suas representações com o espaço. É necessário entendermos que:

Há um profundo envolvimento com o lugar, mediado por valores e significados que nos fazem sentir totalmente pertencentes à nossa casa, ou à nossa cidade ou à nossa região. Neste caso, a identificação do indivíduo com o local é total, havendo laços de diversos tipos, sejam históricos, familiares, culturais, religiosos, que transformam uma determinada área em lugar. (BARTOLY, 2007, p. 108)

Diante disso, adotamos o lugar como algo ou aquilo que nos conforta, como nosso lar, o qual é definido por Tuan (1983, p. 04) como “[...] a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria”. Observe que na definição de casa, feita por Tuan (1983), o sentido de “velho e velha” é repetido antes das palavras que definem a casa. Essa monotonia da palavra, associada aos termos velho e velha, deve-se ao tempo de construção dos lugares, pois este tempo é necessário para estabelecer relações e particularidades com o espaço vivido.

Assim, o tempo torna-se uma dimensão importante para a compreensão do lugar, existindo três momentos em que ele aparece relacionado ao lugar/espaço: tendo o “tempo como movimento, sendo lugar como pausa; afeição ao lugar como função do tempo; e lugar como tempo tornando visível ou lugar como lembrança”. (OLIVEIRA, 2012, p.12).

Nesta perspectiva do espaço vivido (espaço onde vivemos e construímos relações), temos os seres humanos como “[...] os únicos entre os primatas que têm o sentido de lar como um lugar onde o doente e o ferido podem se recuperar com cuidados solícitos”. (TUAN, 1983, p. 153).

O sentimento de cuidar do outro é muito aflorado nos homens, que expressam esse sentimento para construções de lugares. Tuan (1983) ressalta sobre o ato de cuidar, fazendo uma comparação entre os babuínos, símios e os homens:

Os babuínos e os símios não fazem uma pausa para cuidar de um membro ferido ou doente. Os homens o fazem, e este fato contribui para a intensidade de seu sentimento de lugar. Uma pessoa convalescente está consciente de sua dependência dos outros. Está consciente de que está sendo atendida e de que melhorou em determinado local, que pode ser à sombra de uma árvore, um abrigo de meia-água ou uma cama de baldaquino. Em qualquer um desses lugares, o paciente recupera a saúde [...]. A afeição duradoura pelo lar é em parte o resultado de experiências íntimas e aconchegantes. (TUAN, 1983, p. 153)

Os idosos, quando apresentam problemas de saúde que os impedem de realizar suas necessidades rotineiras, precisam dos cuidados de outras pessoas. Essa impossibilidade de realizar tarefas é um dos motivos pelos quais os idosos são direcionados para a ILPI, pois sabem que se trata de um espaço destinado a atender às suas necessidades.

Na ILPI, o paciente, no caso o idoso, recebe os devidos cuidados para amenizar seus problemas de saúde e, ao mesmo tempo em que este recebe todos os cuidados que a ILPI lhe proporciona, tais cuidados pode despertar nele os sentimentos de gratidão e afeição pela instituição. Porém, o processo inverso pode ocorrer, ou seja, por não querer migrar para a instituição, o idoso pode ter sentimentos de aversão pelo lugar.

Quando isto ocorre durante o processo de migração do idoso para a ILPI, vale considerar que o ser humano tende a escapar quando se encontra em uma situação desagradável, ou migrar para lugares nos quais essas situações inexistem. As nossas vulnerabilidades fazem com que tentemos procurar novas experiências em outros lugares. Devido às limitações e fragilidades dos corpos físicos dos idosos institucionalizados, eles tiveram que sair de um lugar que não supria suas necessidades (no caso seus lares ou dos seus familiares) à procura de um lugar que os acolhesse e os ajudasse em sua vulnerabilidade. Neste sentido, essa fuga dos problemas, das limitações e das situações desagradáveis é caracterizada como escapismo. Assim, podemos considerar que o escapismo:

[...] Refere-se à tendência de fugir de qualquer situação desagradável, incômoda ou difícil de ser controlada. [...] “Não há nada de errado escapar”. “Quem não tem algumas vezes vontade de escapar? Mas de quê? Para onde? Certamente todos tiveram vontade de estar em outro lugar em momentos de stress e incertezas” [...] (OLIVEIRA, 2012, p.58)

Portanto, a partir da construção dos valores conferidos aos lugares é que produzimos sentimentos em relação a eles, de tal sorte que confiamos no lugar para repousar, morar, alimentar, viver ou, até mesmo, passar o resto de nossas vidas. E são essas escolhas que dão impulso à construção dos lugares.

Nessa perspectiva, Tuan (1983, p. 14) salienta que “O lugar é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar”. Nesta passagem de Tuan (1983), o valor simbólico do lugar é reafirmado e, além do valor

simbólico, podemos perceber a representação de responsabilidade que o lugar exerce em nossa vida. Confiamos aos lugares o desenvolvimento da nossa vida. Portanto o lugar é:

[...] onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo. O ser é sempre articulado por meio de lugares específicos, ainda que tenha que se estender para além deles para compreender o que significa existir no mundo. (RELPH, 2012, p.29)

Neste contexto, o lugar é uma categoria que abrange não apenas os seres humanos, mas também os animais. Ainda segundo Tuan (1983), o lugar é considerado como uma pausa no movimento. E, nele de fato realizamos nossas atividades cotidianas que, geralmente, demandam a força física, com certos desgastes psicológicos e mentais e é no lugar que recompomos nossas energias para que no outro dia possamos realizar novamente essas atividades; por isso o caracterizamos como a “pausa no movimento”.

Essa caracterização de pausa na movimentação é utilizada como um mecanismo, em que “Os animais, incluindo os seres humanos, descansam em uma localidade porque ela atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (TUAN, 1983, p. 153). Diante disso, as ILPIs podem ser consideradas como a “pausa no movimento”, visto que o idoso vem de uma trajetória de atividades ao longo dos anos e, em decorrência dos desgastes que essa movimentação do cotidiano lhe trouxe, o idoso passa a necessitar de cuidados especiais, que visam sanar suas necessidades biológicas, fisiológicas e mentais.

Assim, é no lugar que manuseamos nossos descansos físicos e mentais, bem como saciamos as nossas necessidades. “[...] Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação. [...]”. (TUAN, 1983, p. 04).

A designação do lugar onde iremos morar e compartilhar momentos envolve diversos sentimentos acompanhados de significados subjetivos, pois cada pertencimento vem acompanhado de necessidades que geram valores diferentes para cada indivíduo. Isso significa que cada lugar desperta sensações diferentes nos sujeitos porque “todos os seres humanos têm seus próprios pertences e talvez todos tenham necessidade de um lugar seu, que seja uma cadeira no quarto ou um canto preferido em qualquer veículo. [...]”. (TUAN, 1986, p. 36). E, quando pensamos nas instituições de idosos enquanto lugar, a argumentação de Tuan (1986) é muito pertinente, pois é devido à necessidade de um lugar que o idoso se territorializa nas ILPIs.

Para conhecer o lugar é necessário o processo de identificação com o espaço, sendo que, com a identificação, o ser humano passa a entender a dinâmica em que está inserido e, assim, passa a despertar sentimentos que o atraem para o lugar ou o repele deste. Claval (2007, p. 55) enfatiza que “os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam”.

Os seres humanos, em sua forma individual ou coletiva, são tentados para construções de lugares em determinado tempo e espaço. Essas construções, essencialmente, têm como suporte a necessidade do ser humano de ter um lugar para descansar e para chamar de seu.

Então, a afetividade presente nos lugares é um dos aspectos que marcam a análise e o estudo do lugar. Entende-se que “[...] A relação afetiva mais imediata dos indivíduos com o espaço se dá no lugar, isto é, em espaços reduzidos nos quais se entabulam as relações mais diretas entre as pessoas no seu dia a dia”. (DINIZ FILHO, 2012, p. 167).

Ademais, dentro dos lugares surgem as representações sociais manifestadas pelos sujeitos que os habitam e neles convivem. E, acompanhando as representações sociais, deparamo-nos com a subjetividade e identidade desses mesmos sujeitos para com o lugar.

Nesse sentido, Bartoly (2007, p. 101) evidencia que “[...] uma correta leitura dos códigos, dos símbolos, dos significados, das representações, é fundamental para a compreensão do lugar, que é único, constituído por fatores identitários singulares”.

O simbolismo norteia os lugares, pois as formas de sentir e pertencer ao lugar são particulares de cada sujeito que o habita e frequenta. Nesta nuance, as ILPIs proporcionam sentimentos diversos em cada idoso, cuidador, visitante, gestor e voluntário, porque as representações sociais dos referidos sujeitos recebem diferentes manifestações e distintas perspectivas de sentimentos em relação à instituição.

Quando as interações de pertencimento e apropriação são despertadas no sujeito, é comum que seja aguçado o pertencimento, sendo utilizadas expressões que remetem à “posse”, como: “meu lugar”, “aqui é o meu lugar” e, até mesmo, “ninguém me tira deste lugar”. Essas expressões fazem alusão aos vínculos materiais e imateriais criados pelas pessoas nos lugares.

As ILPIs podem ser consideradas como um lar congestionado, fonte de interação social, de forma que as vidas dos idosos são compartilhadas. Tuan (1983,74) entende que um lar congestionado é um lar no qual é “difícil ficar sozinho, pensar sozinho ou ler tranquilamente. Não apenas as coisas, mas também as pessoas são compartilhadas [...]”. O contexto histórico, cultural, social e familiar dos idosos que vivem nas instituições é diversificado, mas eles têm em comum os dias em que passam juntos, compartilhando sua rotina.

A significação do lugar é acompanhada por contextos sociais e está ligada, diretamente, às dinâmicas dos lugares, tais como: quem são as pessoas que convivem e habitam esses lugares, como elas sentem os lugares e qual a importância desses lugares para as pessoas.

Assim, entender as qualificações exaltadas no lugar, no mundo contemporâneo, tornou-se um pouco complexo, pois vivemos em um mundo carregado de fluxos de pessoas, mercadorias, informações, etc., com um cenário marcado pelo acúmulo de tarefas do dia a dia, nos quais não paramos para entender os lugares nos quais habitamos e convivemos. Entretanto, é importante entender as dinâmicas aplicadas ao local à medida que:

O lugar é produzido a partir da afetividade, da sensação de pertencimento, do modo como nos adaptamos e nos apropriamos das realidades globais que se introduzem no local, que dão sentido à própria distribuição objetiva das coisas e das pessoas nessa porção do espaço geográfico. (BARTOLY, 2007, p. 72)

É preciso notar, ainda, que todos os processos existentes no lugar, assim como as experiências e pertencimentos, são vivenciados pelo nosso corpo, pois é através do corpo que despertamos as sensações que nos remetem à identidade e particularidade com os lugares. Neste sentido, Vasconcellos (2008, p. 23) esclarece que “[...] o lugar é a posição que um corpo ocupa no espaço” e, diante disso, o corpo ocupa e desperta sensações e sentimentos nos lugares. “O lugar não é forma, nem o próprio espaço ou mesmo a matéria, mas o que todo corpo sensível ocupa naturalmente”. (VASCONCELLOS, 2008, p. 23).

Os sentimentos despertados nos lugares demandam um contato direto e perdurável e toda a trajetória do despertar para o lugar passa pelas nossas consciências, sendo que:

[...] através da consciência, advinda de uma ligação sentimental duradora com uma determinada porção do espaço, as pessoas tomam as identidades de seus lugares como suas, ou seja, particularidades impregnadas em um local que passam a fazer parte dos indivíduos. (BARTOLY, 2007, p. 101)

Assim, os simbolismos dos lugares demandam um tempo propriamente dito para despertar em nossas consciências o valor que os lugares têm em nossa vida. O tempo proporciona o desenvolvimento da vida vivenciada em lugares. Precisamos dos lugares para construir nossas histórias de vida e, neste sentido, a essência do lugar está diretamente ligada a uma associação profunda da consciência do indivíduo com o local em que nasceu, com o local em que vive, que possui uma história. (BARTOLY, 2007).

Portanto, os cuidadores de idosos manifestam e produzem interações com as ILPIs, pois constroem histórias e despertam sentimentos a cada dia de trabalho pelo fato de terem e estabelecerem contato direto e perdurável com as instituições de longa permanência, remetendo, assim, a vivências e experiências em relação ao espaço.

O trabalho de cuidado ("care")

A atividade de cuidado vem sendo debatida fortemente em alguns países como França e Japão. No Brasil a categoria do trabalho de cuidado passou a receber maior visibilidade a partir de 2002, ano em que foi criada a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO. Dentro desta classificação, encontra-se a ocupação de cuidador, classificada na plataforma como: 1-Babá; 2-Cuidador de idoso; 3-Mãe Social; e 4-Cuidador de saúde. A descrição, aqui proposta, refere-se a pessoas que “cuidam” de bebês, crianças, jovens, adultos e idosos, a partir de objetivos estabelecidos por instituições especializadas ou responsáveis diretos, zelando pelo bem-estar, saúde, alimentação, higiene pessoal, educação, cultura, recreação e lazer da pessoa assistida. Esta família não compreende técnicos e auxiliares de enfermagem.

Apesar da grande gama de trabalhadores domésticos que abarcam o trabalho de cuidado ("care") no Brasil, e em diversos países, os estudos sobre esta atividade são recentes e seu referencial vem ganhando forma, especialmente, ao longo dos últimos anos. Neste sentido, o termo cuidado não deve ser entendido e centralizado apenas na seara da atenção. Deve-se ir muito além da atenção dada ao outro, pois é um:

[...] trabalho que abrange um conjunto de atividades materiais e de relações que consistem em oferecer uma resposta concreta às necessidades dos outros. Assim, podemos defini-lo como uma relação de serviço, apoio e assistência, remunerada ou não, que implica o sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar de outrem. (TEORIAS E PRÁTICAS DO CUIDADO, 2013 *apud* KERGOAT, 2016, p. 17)

As ações que envolvem o trabalho de cuidado são de cunho material e imaterial. Zelizer (2012, p. 18) entende que este trabalho demanda atividades que “incluem qualquer tipo de atenção pessoal, constante e/ou intensa, que visa melhorar o bem estar daquela ou daquele que é seu objeto. [...] definindo, assim, um leque de atenções pessoais, constantes e/ou intensas”. Cada setor do serviço de cuidado determina uma função diferente, tendo uma característica particularmente subjetiva.

Para complementar a perspectiva do trabalho de cuidado, fundamentada por Zelizer (2012), Molinier (2012, p. 30) entende que esta atividade envolve “a noção de serviço como dar atenção”. Ainda na perspectiva de Molinier (2012, p. 31), a autora argumenta que o *care*:

[...] aparece como uma atitude adequada que responde sem furtar-se face à fragilidade do outro e sem destituí-lo de seu estatuto de ser humano em sua integridade. Essa atenção particular, ajustada às necessidades do outro, em sua sutileza, sua capacidade de antecipação, sua discricção, é solicitada por um trabalho de garçom de café ou de médico.

Neste sentido, como propõe Molinier (2012), é preciso evidenciar que as relações de cuidado são sempre atendidas e encaixadas na necessidade do outro, alinhando sempre a essas necessidades, a conduta (ação e condução do cuidado) de cada setor do trabalho de cuidado. Nessa perspectiva, esta atividade é classificada como uma “definição de gesto ou uma forma de agir (ou não agir) ajustados ou afinados às necessidades do destinatário, que podem ser, inclusive, marcados pela distância ou desapareço”. (MOLINIER, 2012, p. 31).

Os cuidados estariam inseridos em diversas atividades que vão desde as mais básicas, até as que exigem maior força física. As atividades básicas são listadas como o horário de dar os remédios, horário das refeições, horário de acordar e horário de lazer. As atividades mais complexas, que necessitam da força física do cuidador, são: locomover com o idoso, transpor o idoso da cama para a cadeira de banho e vice-versa, dar banho no idoso, empurrar a cadeira de rodas do idoso, entre outras.

Percebe-se que essas atividades são rotineiras e, por isso, são classificadas como constantes. Pode-se destacar que essa atenção, pessoal e constante, pode acarretar algo mais intenso, envolvendo sentimentos e emoções.

Assim, o trabalho de cuidado demanda, necessariamente, um comportamento ético, pois nele é preciso conhecer as necessidades do destinatário. Na dita tomada de conhecimento da causa, ou seja, no conhecimento das necessidades do destinatário, o trabalhador esbarra nos problemas de saúde do idoso e, até mesmo, em problemas familiares, que envolvem complexidade e delicadeza de fatos.

Ainda no que diz respeito às funções do trabalho de cuidador, este é considerado como um trabalho sujo, sendo essa expressão intitulada por Hughes (1951), para designar funções que causam enojamento, repulsa e repúdio. Trata-se de tarefas que são vistas de maneira degradante.

Em vista disso, a tarefa, que remete ao trabalho sujo, é amplamente:

[...] observada em empregos ou ocupações associadas com lixo, morte, fluidos corporais, esgoto, ou condições perigosas. Por sua vez, o estigma social vinculado a esse mesmo trabalho pode ser identificado na exigência para que os “trabalhadores sujos” adotem uma postura de subserviência em relação aos outros, ou então para que mantenham contato com pessoas estigmatizadas (por exemplo, criminosos ou pacientes com doenças altamente contagiosas). (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013, p. 1156)

O trabalho sujo estabelece funções importantes no desenvolvimento da vida em sociedade, pois suas atividades são primordiais para sanar suas necessidades e dificuldades da sociedade. As atividades executadas são classificadas pela sociedade como repugnantes sendo, assim, consideradas pela sociedade como “(...) ligadas ao escoamento dos humores sexuais ou corporais, à preparação dos cadáveres ou à evacuação de dejetos da vida cotidiana [...]”. (MOLINIER, 2013, p. 34).

As atividades, tratadas como trabalho sujo são aquelas que a sociedade, geralmente, “procura não fazer e, se possível delegar a alguém em posição socioprofissional hierarquicamente inferior (subalterno ou mais jovem, menos qualificado, pertencente a um grupo discriminado)” (MOLINIER, 2013, p. 34).

Portanto, pode-se constatar uma divisão do trabalho, delimitada através da sua hierarquização, e, também, uma fragmentação das pessoas, separando-as em qualificadas e não qualificadas. Consequentemente, é preciso relatar que existem duas classificações de trabalho e de trabalhadores. Dessa forma existem os trabalhos denominados sujos, considerados inferiores, e os que não são caracterizados como sujos, mas sim, como

superiores. E, na divisão dos trabalhadores, encontramos os que executam o trabalho sujo, que são menos qualificados profissionalmente, e os que não o executam, considerados mais qualificados. Nesta perspectiva, existem rótulos separatistas para cada tipo de trabalho e para cada trabalhador.

Nesse contexto, por mais que a sociedade conceba este trabalho como sujo, ao mesmo tempo desapropria a sua importância, pois, “[...] em outras palavras, a mesma sociedade que cria a demanda e necessidade por trabalhos sujos, priva aqueles que os realizam de um status social observado em outras ocupações ou esferas da vida social [...]”. (BENDASSOLLI; FALCÃO, 2013, p. 1156).

No panorama do trabalho sujo, existe uma relação conectiva entre o corpo e a morte, sobre o que Molinier (2013) argumenta que:

O trabalho sujo e o *care* se encontram, então, conceitualmente sob o aspecto da relação com o corpo e a morte. Além disso, cuidar dos outros não é forçosamente agradável. [...] os atores de *care* [...] eles não são heróis, são ambivalentes, defensivos, eivados de contradições, de conflitos entre seu próprio interesse e os interesses dos outros. (MOLINIER, 2013, p. 34)

Essa dualidade de sentimentos e funções do trabalhador *care* é refletida na sociedade, como um trabalho de complemento, com a união de interesses dos outros e do próprio interesse do trabalhador de *care*. No fundo, essa manifestação de complementaridade acaba sendo importante para a sociedade, visto que os serviços prestados pelo trabalhador *care* são essenciais para sanar as necessidades humanas, tanto fisiológicas quanto psicológicas dos pacientes.

Geograficamente falando, o trabalhador de cuidado é uma peça fundamental para o bom desenvolvimento social e dos espaços, já que sem os trabalhadores que executam o trabalho sujo, a sociedade entraria em colapso, pois um lixo, se não retirado, causa diversos transtornos. Assim, a saber, no caso dos idosos com dependência (sejam eles locados nas instituições de longa permanência, ou não), sem os cuidadores para executar a higienização do corpo ou do próprio espaço onde o idoso está locado, existiriam sérios problemas sociais e no próprio espaço.

Assim, as atividades executadas pelos trabalhadores que realizam o trabalho sujo são essenciais para o desenvolvimento da vida humana, motivo pelo qual Molinier (2013) salienta sua importância ao afirmar que:

O conjunto do trabalho sujo, incluindo as atividades de cuidados de saúde, levanta questões *do que é preciso fazer*, e que não pode ser deixado de lado sem graves desordens para a sociedade, pelo simples fato de que somos corpos (com esta dupla contradição, vivos ou mortos). Os corpos não podem ficar sem alimentos, ou nus, ou sujos de excrementos; os cadáveres não podem cobrir as ruas, nosso lixo não pode acumular-se indefinidamente... é preciso que alguém se ocupe disso tudo. O “trabalho sujo” nesse sentido é *aquilo que se queria evitar fazer*, em que se queria nem sequer pensar, mas que é da ordem, assim como o *care* das necessidades vitais. (MOLINIER, 2013, p. 34)

Partindo para uma análise mais específica das dimensões que envolvem o trabalho de *care*, encontramos diversas dimensões que o delineiam, caracterizadas por Soares (2013) como dimensões sexual, relacional e emocional.

A primeira dimensão, proposta por Soares (2013), é a sexual, tendo como amarra principal o corpo e, em especial, “o corpo da trabalhadora na produção dos cuidados”

(SOARES, 2013, p. 46). O desenvolvimento do cuidado tem como essência o contato corporal, sendo que a higienização do corpo de quem recebe o cuidado é uma das práxis realizadas pelo cuidador. Destarte, o trabalho, na dimensão sexual, é caracterizado pelo:

O corpo ou uma parte do corpo são instrumentalizados durante a produção de um serviço, como nos casos em que é preciso responder a avanços sexuais do cliente/paciente sem melindrá-lo [...] ter um contato físico direto durante a realização de uma tarefa. Dessa maneira, o corpo ou uma parte do corpo das trabalhadoras são integrados à prestação do serviço. (SOARES, 2013, p. 46)

Soares (2013) argumenta que para conseguir ou manter o emprego, muitas vezes as trabalhadoras fingem “ser atrizes sexualizadas”, oferecendo uma imagem “agradável” ou mesmo “atraente”. O autor ainda ressalta que “é preciso observar requisitos de aparências como não se mostrarem cansadas, enfeitarem-se e maquiarem-se com cuidado. Entretanto, há de respeitar a ‘discrição’ que é delas esperadas”. (SOARES, 2013, p. 47).

A segunda dimensão, fundamentada por Soares (2013), é a relacional, que está associada às qualificações sociais baseadas na expressão “finja que está tudo bem”. Assim, o cuidador deve manter o equilíbrio emocional sempre, sem deixar transparecer e/ou depositar seus desequilíbrios emocionais em quem recebe o cuidado. Soares (2013, p. 47) exemplifica essa dimensão como:

A capacidade de guardar o adequado equilíbrio na interação, um aspecto importante para preservar a comunicação, a escuta. Temos ainda a paciência, a capacidade de manter o controle emocional, de não perder a calma, ao longo do tempo. Devem-se tolerar erros, fatos indesejados, inesperados, incômodos, assim como a obstinação do outro. Trata-se de ser perseverante, escutar com calma e agir com tolerância.

Do mesmo modo, de acordo com a dimensão relacional, para ter êxito no trabalho, o cuidador precisa forjar e controlar emoções, cansaços físicos e psicológicos para conseguir manter o trabalho. A paciência e a tolerância são aspectos importantes para o trabalhador.

A última dimensão, listada por Soares (2013), é a emocional, identificada no trabalho *care* por ser este um tipo de trabalho que demanda interação social. As atividades de *care* frequentemente requerem ligações sociais que se apresentam em um contato com o corpo, estabelecendo, assim, uma dimensão muito profunda. No caso do contato entre o cuidador e o idoso, este é estabelecido diretamente e, ao longo deste convívio ou contato, surgem emoções produzidas tanto pelo cuidador, quanto pelo idoso que recebe o cuidado.

No entanto, ao citar a palavra emoção, devemos estar cientes que esta é dotada de subjetividade. As emoções são acordadas nos sujeitos, a partir das interações sociais. Nesse sentido, Soares (2013, p. 49) argumenta que “[...] a emoção possui um começo e um fim, e uma duração suficiente para que possamos, ao menos, reconhecer-lhe determinada qualidade”.

O começo e o fim das emoções são ações que se fazem presentes de maneira efetiva nas ILPIs, sendo que entre o começo e o fim encontra-se a duração, ou seja, o desenvolvimento dos dias do cuidador do idoso, no qual surge o ensejo de reconhecimento da qualidade dos serviços prestados. Assim, “Vale assinalar que nem todo trabalho emocional é, necessariamente, trabalho de cuidado, mas todo trabalho de cuidado envolve, sempre, o trabalho emocional”. (SOARES, 2013, p. 49).

Na perspectiva do trabalho emocional, o cuidador sempre visa à qualidade dos serviços prestados, focando na qualidade de vida do idoso e, intrinsecamente, almejando sua

felicidade. Essa ação de transmitir o bem-estar ao idoso serve como uma “porção do esquecimento”, sendo que, por mais que o idoso enfrente momentos difíceis, como problemas de saúde ou ausência familiar, a cuidadora ou cuidador tentará estimular o sentimento de felicidade para que ele não se lembre de seus problemas.

No que diz respeito à dita “porção do esquecimento”, produzida pelo cuidador, Soares (2013) argumenta que existem dois tipos de trabalho emocional. O primeiro “é o agir em superfície, quando se fingem emoções que não são realmente sentidas” (SOARES, 2013, p. 50). Neste tipo de trabalho emocional, o trabalhador precisa forçar as ações, para satisfazer o bem-estar do destinatário, ou seja, o cuidador força ações para satisfazer o bem-estar do idoso. O outro tipo ocorre quando a emoção surge natural e espontaneamente. “As pessoas esforçam-se para sentir a emoção a ser externada, buscando dentro dela os estímulos que lhes permitirão despertá-la, de modo a se adequar às regras de expressão exigidas publicamente”. (SOARES, 2013, p. 50).

É preciso destacar a dualidade existente nesses dois modos de agir, que se reflete, eminentemente, na saúde do trabalhador, gerando nele um desequilíbrio mental sério associado à “disparidade entre o que sentimos e o que demonstramos sentir, e essa disparidade pode produzir em nós um sentimento de inautenticidade. Semelhante dissonância emocional pode ser uma fonte importante de estresse.” (SOARES, 2013, p. 50).

Outra questão que merece atenção especial é o gênero, atualmente muito debatido pelos estudiosos do trabalho *care*. Este debate traz como pauta a fundamentação acerca da grande parcela de mulheres que ocupam os setores domésticos, voltados ao trabalho *care*. Sendo assim, existe uma gama de explicações para a resultante da feminização do trabalho *care* e uma delas está centrada no contexto histórico machista que canaliza as mulheres aos trabalhos destinados ao cuidado.

Desse modo, afirma-se que a mulher tem o instinto maternal e, por isso, deve exercer as funções que estão diretamente ligadas aos cuidados. Outro aspecto que coloca as mulheres na ponta da pirâmide dos trabalhos *care* é a destinação que colocam os homens em sobreposição salarial em relação à mulher. Quando direcionamos as discussões de gênero, no capitalismo e na contemporaneidade, encontramos em Kergoat (2010, p. 94) a explicação no:

[...] fato de que o capitalismo tem necessidade de uma mão-de-obra flexível, que empenhe cada vez mais sua subjetividade: o trabalho doméstico assumido pelas mulheres libera os homens e, para as mulheres de alta renda, há a possibilidade de externalização do trabalho doméstico para outras mulheres.

Sendo assim, a essência do trabalho *care* destinada às mulheres, no mundo capitalista, está na subjetividade. O homem vende sua força de trabalho, caracterizada pelo trabalho físico, libertando-o de todos os sentimentos que o remeta à subjetividade, deixando-a para as mulheres que, por sua vez, devem exercer o trabalho de maneira flexível.

Por conseguinte, “[...] aos homens, delegam-se as tarefas que lhes exigem que sejam agressivos, duros, rudes, frios, etc.”. O homem não pode chorar ou ser sensível. Às mulheres, confiam-se as tarefas que exigem a delicadeza, a empatia, a gentileza, sensibilidade, etc. (SOARES, 2013, p. 52).

Diante deste cenário, a maior parcela do trabalho *care* é realizada pelas mulheres. Quando fragmentamos o estudo da feminização, deparamos com a maioria das cuidadoras com os perfis de mulheres negras e pobres, que, geralmente, passam a ser exploradas por pessoas com estereótipo de classe social e econômica valorizadas. Portanto, o trabalhador *care* serve como instrumento de conforto para essa classe social valorizada sendo, assim, processada.

[...] na confluência entre relações sociais de sexo, de classe e de raça onde os homens, as classes privilegiadas, os brancos, dominam/exploram as pessoas que realizam o trabalho de *care* a seu serviço, enquanto, na prática eles dependem deste trabalho: seu conforto, assim como sua eficiência, depende da qualidade do trabalho *care*. (MOLINIER, 2012, p. 31).

Dessa forma, o desenvolvimento das atividades do trabalho *care* é realizado, majoritariamente, por mulheres, desencadeando a divisão sexual do trabalho, de modo que as sociólogas, Hirata; Kergoat (2007, p. 599) definem o processo de divisão social do trabalho em dois princípios, entendidos, por elas, como:

[...] o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie.

Assim, a divisão sexual do trabalho nada mais é que a separação de atividades entre o masculino e o feminino. Essa separação de gênero é vista, em nossa sociedade, como um fenômeno biológico e natural. Entretanto, “As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas são, antes de tudo, construções sociais”. (KERGOAT, 2009, p. 55). De certo modo, a divisão sexual do trabalho é um fenômeno construído e mantido através das relações sociais.

Com a divisão social do trabalho, incluída e materializada na nossa sociedade, o conceito de trabalho sofre reformulações ao longo dos estudos, sendo que a divisão sexual do trabalho passa a ser fundamentada nos estudos que envolvem a temática trabalho. Sobre essa reformulação conceitual de trabalho, Kergoat; Hirata (2007, p.598) entendem que é uma:

[...] nova maneira de pensar o trabalho e teve muitas consequências. Por uma espécie de efeito *boomerang*, depois que “a família”, na forma de entidade natural, biológica, se esfacelou para ressurgir prioritariamente como lugar de exercício de um trabalho, foi a vez de implodir a esfera do trabalho assalariado, pensado até então apenas em torno do trabalho produtivo e da figura do trabalhador masculino, qualificado, branco.

A propósito, Hirata (2007, p. 01) acrescenta que a divisão sexual do trabalho é um fenômeno presente em diversas atividades no mundo do trabalho. Conforme explica a autora, é “[...] um conceito ampliado, que inclui o trabalho profissional e doméstico, formal e informal, remunerado e não remunerado” (HIRATA, 2010, p. 01), que, por isso, deve ser discutido nas diversas esferas do trabalho. Hirata; Kergoat (2007, p.599) defendem que a divisão sexual do trabalho é:

[...] modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.).

Portanto, os homens são destinados à esfera produtiva e as mulheres, à esfera reprodutiva. Os homens ocupam cargos com maior valor social, no qual exercem a produtividade, enquanto as mulheres estão destinadas a atuar em cargos considerados de menor valor social, ligados à esfera da reprodução. Essa reprodução está geralmente associada ao instinto maternal, naturalizada pela sociedade. Logo, os homens trabalham na linha de produção, onde exercem maior força física e as mulheres trabalham com o cuidar – cuidar da casa, cuidar dos filhos, cuidar da família, já que a mesma tem o “dom de reprodução da vida”.

Bourdieu (2002) entende que a divisão sexual do trabalho é pautada em uma divisão, construída socialmente. Para o autor, a divisão social do trabalho se apresenta na sociedade de uma maneira normal e natural, sendo que:

A divisão entre os sexos parece estar na “ordem das coisas” como se diz por vezes para falar do que é normal, natural a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado das coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas” em todo o mundo social) e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como um sistema de esquemas de percepção, de pensamento e ação [...]. (BOURDIEU, 2012, s/p)

Assim, a divisão social do trabalho, termo usado por Bourdieu (2002), e a divisão sexual do trabalho, defendida por Kergoat e Hirata (2007), são termos designados para entendimento do fenômeno da separação do masculino e do feminino nas atividades de trabalho, sejam elas atividades formais ou informais.

Essa separação de gênero está materializada, em nossa sociedade, de forma natural, tendo a sua construção nos *habitus* produzidos e reproduzidos pela sociedade, que nos programa a acreditar que o fenômeno da divisão da sociedade é algo normal, naturalizando esse processo.

Ainda, na perspectiva de Bourdieu (2002):

[...] é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservado às mulheres [...]. (BOURDIEU, 2002, s/p)

A divisão social do trabalho, fundada no aspecto sexual (divisão entre homens e mulheres), apresenta disparidade entre local e espaço, sendo que existem alguns locais e/ou espaços construídos com viés separatista, uma vez que são reservados de acordo com o sexo.

Contudo, dentro desta exploração, existe, ainda, uma relação complementar, em que a classe privilegiada precisa, ativamente, do trabalho *care* para manter seus imóveis ou o corpo físico cuidados.

O cuidado desta trabalhadora fica centrado, na maior parte do dia, na família que a emprega, e se, acaso a família da cuidadora necessitar da sua atenção e cuidado, não há nenhuma política pública que garanta o seu afastamento com benefícios. Logo, se a cuidadora optar por cuidar de sua própria família, poderá ser despedida, sem nenhuma garantia.

Detalhando tal situação, Zelizer (2012, p. 22) ressalta que “[...] segundo um estudo detalhado, essas mulheres se encontram frente a um terrível dilema: se elas trabalham, seus filhos doentes não têm mais o cuidado apropriado, mas se param de trabalhar para cuidar de seus filhos, perdem seus subsídios da ajuda social”.

Os números de trabalhadores de *care* de idosos aumentam cada vez mais no Brasil e esse acréscimo é correspondente ao crescimento da expectativa de vida do brasileiro. Aliás,

Camarano (2013) quantifica os dados sobre a população idosa por meio do banco de dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), apontando que haverá um incremento de aproximadamente 400% no número de cuidadores de longa duração, para a população idosa, nos países em processo de desenvolvimento. Ressalva ainda, que as taxas de idosos brasileiros, que necessitarão de cuidados, deverão estimar-se, aproximadamente, de 30 a 50%, entre os anos 2010 e 2020.

Sendo assim, “[...] mais pessoas estão sobrevivendo às idades elevadas, o número das que não conseguirão manter a sua independência/autonomia tende a aumentar, o que implica um crescimento da demanda por cuidados”. (CAMARANO, 2013, p. 148).

Esse crescimento da população idosa aponta para um aspecto de complementaridade, pois esse aumento provoca, também, uma elevação no número de trabalhadores *care*, para cuidar da população idosa. Esse processo de longevidade da população, junto ao crescimento da quantidade de cuidadores de idosos, ocasiona novas configurações das atividades. Guimarães; Hirata; Sugita (2007, p. 152) levantam questões importantes sobre essas configurações que:

[...] levam à estruturação de um mercado de oportunidades profissionais cada vez mais amplo e ao desenvolvimento de políticas públicas de acompanhamento em longo prazo de idosos e pessoas com deficiência, com repercussões em carreiras e formas de regulamentação profissional das condições e relações de trabalho dos prestadores/as desse tipo de serviço.

As referidas autoras construíram uma conjuntura dos motivos que as levaram a estudar e analisar o trabalho *care* voltado ao cuidador de idoso. Para elas, os idosos não são os únicos que demandam cuidados, mas:

[...] boa parte da literatura tem se concentrado em outros beneficiários, tais como as crianças. Então, porque voltar a atenção para o *care* de idoso? Na verdade, o Brasil, a França e o Japão estão atravessando, mesmo que em ritmo e dinâmica desiguais, um forte crescimento do número de idosos e, conseqüentemente, do peso destes em suas populações. Esse processo de envelhecimento da população, [...] determina novas exigências e produz novas configurações das atividades tradicionais do *care*. Elas assumem uma escala importante, que leva à estruturação de um mercado de oportunidades profissionais cada vez mais amplo e ao desenvolvimento de políticas públicas de acompanhamento em longo prazo de idosos e pessoas com deficiência, com repercussões em carreiras e formas de regulamentação profissional das condições e relações de trabalho dos/as prestadores/as desse tipo de serviço. (GUIMARÃES; HIRATA; SUGITA, 2007, p. 85)

Portanto, os estudos, centrados nos idosos e nos trabalhadores de *care*, acrescentam conteúdo para o entendimento de novas dinâmicas demográficas, que trazem novas movimentações populacionais, sociais, econômicas, culturais e políticas à sociedade.

Logo, pensar no idoso e no trabalho *care*, em nossa sociedade contemporânea, é pensar na nossa estrutura social e em nosso futuro, enquanto futuros idosos, que poderemos precisar um dia dos trabalhadores de *care*. Então, abordar essas duas categorias é buscar entender as novas exigências da estruturação do mercado de trabalho e da sociedade.

Procedimentos metodológicos

Este trabalho, de natureza essencialmente qualitativa, teve como objetivo principal, analisar as representações sociais de uma Instituição de Longa Permanência (ILPI) de uma cidade do interior de Minas Gerais. Para atingir tal objetivo, foram realizadas oito entrevistas com cuidadores, somente cuidadoras, entre os meses de agosto e dezembro de 2017, no seu local de trabalho, logo após o período de almoço, aproximadamente às 13:00. Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, pré-apresentado à gestão da Instituição pesquisada e a técnica de análise das entrevistas configurou-se no campo da análise de conteúdo.

A representação social do lugar na perspectiva dos cuidadores

Inicialmente, a representação social do lugar, ou seja, da instituição pesquisada, propiciará a compreensão acerca de como as cuidadoras de idosos definem, sentem e vivenciam a ILPI. No âmbito das entrevistas, observamos que cada cuidadora vivencia a instituição de forma diferente. Porém, por mais que as experiências das cuidadoras sejam diferentes, podemos perceber que o sentimento de pertencer à instituição é algo compartilhado por todas e parece ser notório.

Diante disso, verificamos nos fragmentos (01), (02) e (03) que as cuidadoras definem a instituição pesquisada como um lar, corroborando a abordagem de Tuan (1983) acerca do lugar.

(01) Ah, é minha segunda casa. É um lar onde a gente se torna uma grande família e que tem uma grande importância, independente desse ou de qualquer outro, porque a gente acaba se apegando a eles e eles se apegam na gente, sente falta. Então, quando esse, ou qualquer um outro lar se torna uma casa, a gente vira uma grande família. (ENTREVISTADA 01)

(02) O abrigo para mim é considerado uma segunda casa, segunda família, porque já tem cinco anos que eu trabalho aqui [...] Eu acho que aqui não tem a família de sangue, mas tem os amigos, que torna a nossa família né? Eu vejo que aqui a gente constrói outra família, diferente é claro, mais companheira. Tem as companheiras de trabalho que torna família também né? Eu gosto muito, eu gosto muito de trabalhar aqui. (ENTREVISTADA 02)

(03) Um lar dos idosos é meu porque a gente fica considerando como um lar também, porque a gente convive todos os dias, vira uma família. A convivência torna-se um lar. (ENTREVISTADA 08)

Ademais, a existência da dimensão temporal para a construção do lugar também se fez presente no fragmento (03), uma vez que é a partir da convivência diária entre os idosos e as cuidadoras que as representações de lar e família se fazem presentes. Podemos perceber, ainda, a partir das perspectivas apresentadas nos fragmentos (02) e (03), que o tempo das relações sociais entre os idosos e as cuidadoras dá origem ao pertencimento ao lugar, ou seja, à ILPI pesquisada.

Já nos fragmentos (04) e (05), a instituição aparece ligada à representação de sentimentos, de modo que podemos encontrar o lugar associado a atributos como o amor, a paciência, o carinho e o respeito.

(04). Para mim aqui é um lugar de amor, de cuidado, de compreensão né? Paciência, carinho, respeito, saber respeitar eles, é isso. (ENTREVISTADA 05)

(05). É um lugar ótimo para eles serem cuidados. É um lugar ótimo, as pessoas são bem cuidadosas, todas têm carinho por eles. Eu considero um lugar bom de trabalhar, um lugar ótimo de trabalhar. É porque assim... não tem como explicar porque é um lugar onde tem pessoas assim, que precisa do carinho da gente. Eu num tenho explicação para esse lugar aqui. Eu só acho assim... nós que trabalhamos aqui temos que dar bastante amor e carinho a eles. É o que eles merecem pela idade e muitas das vezes pela saúde deles. (ENTREVISTADA 03)

Neste sentido, a partir da leitura do fragmento (04), podemos perceber que a classificação da instituição, enquanto lugar, se dá por meio dos sentimentos, que são despertados pela relação entre os idosos e as cuidadoras. Assim, os sentimentos de paciência, carinho e respeito, citados pela entrevistada, são envolventes do trabalho de cuidar, que, de certa forma, estão prontamente ligados às qualificações exercidas no lugar (ILPI).

Ainda sobre as qualificações do lugar dadas a partir da atividade de cuidar, o fragmento (05) demonstra a conectividade entre este e o sentido do trabalho, ou seja, se as práticas de cuidado forem especiais, como dar carinho e amor aos idosos, automaticamente a instituição tornar-se-á um lugar especial. Portanto, a dinâmica do trabalho de cuidar é o que define o sentido do lugar, como podemos verificar nas expressões citadas pela entrevistada, no fragmento (05): “um lugar ótimo para eles serem cuidados”, “um lugar ótimo, as pessoas são bem cuidadosas” e “lugar onde tem pessoas assim que precisam do carinho da gente”. Dessa maneira, pode-se afirmar que a conectividade do lugar com o cuidado e a instituição é vista como um lugar que supre os sentimentos e as necessidades humanas.

Além disso, a instituição pesquisada também aparece como um lugar de apoio, conforme podemos averiguar nos fragmentos (06) e (07), a seguir:

(06). Ah, é uma casa de apoio. É como se fosse a casa dos internos onde eles moram né? É a casa deles, onde eles podem se sentir à vontade porque é a casa deles. Eles não têm outra casa, sabe? (ENTREVISTADA 06)

(07). Aqui é um lugar que quando as famílias quer deixar e não quer ter responsabilidade, quer achar num canto que tá bom para eles e não quer ter responsabilidade com eles. (ENTREVISTADA 04)

No fragmento (06), por exemplo, podemos constatar que a entrevistada projeta a instituição como uma casa de apoio, na qual os idosos devem se sentir à vontade, por ser a única casa que possuem.

Igualmente inserido na percepção do lugar como ponto de apoio, no fragmento (07), a entrevistada compreende que a instituição é um lugar que abriga os idosos desamparados pela família. As expressões “quer deixar”, “não quer ter responsabilidade”, “achar um canto” e “não quer ter responsabilidade com eles” apresentam o idoso como um animal desamparado, à procura de um lugar para sanar as suas necessidades, ou até mesmo como um objeto que possa ser deixado de lado e inserido em qualquer lugar.

Corroborando tal perspectiva, os fragmentos (08) e (09) parecem demonstrar a representação da ILPI como um espaço de reclusão ou de abandono.

(08) O abrigo é muito bom. A gente olha o jeito de tratar o lugar deles. Aqui tem o apoio prá eles e... se os filhos deles lá não quiser, tem que ser olhado aqui e nós que tem que apoiar eles. (ENTREVISTADA 07)

(09) Tipo assim, eles não querem ficar, mas é obrigado ficar. Igual o senhor Raimundo, o novato, que chegou. Nossa, ele não quer ficar de jeito nenhum, fica nervoso, agride a gente com palavra. Ele é muito nervoso, não quer ficar de jeito nenhum. Eles são sinceros e demonstram quando não querem [...] A família que traz. A maioria que vem é contrariado porque não quer vir. São muito poucos os que vêm porque querem. A gente tem até uma senhorinha que não quer ficar de jeito nenhum. Ela diz que quer ir embora, que não aguenta mais ficar aqui. O tempo todo ela reclama, o tempo todo ela fala que vai embora, que vai embora, que não quer ficar aqui. A maioria vem contrariada. (ENTREVISTADA 06)

Especificamente no fragmento (08), a instituição aparece como uma válvula de escape ou um caminho de fuga para as famílias que querem abandonar os idosos, o que pode ser notado na expressão “se os filhos deles lá não quiser, tem que ser olhado aqui”. Esta frase parece evidenciar a instituição como um lugar de imposição.

Em uma linha semelhante, o fragmento (09) demonstra e exemplifica a instituição como um espaço de reclusão e abandono, pois revela que o idoso não tem autonomia para escolher o seu lugar de vivência, ou seja, ele é forçado a viver na instituição.

Nota-se, ainda, que a atitude de obrigar o idoso a ficar na instituição reflete na dinâmica do lugar, visto que o interno que não quer viver na ILPI e lá fica nervoso e contrariado. Este sentimento de contrariedade desperta, no idoso, sentimentos topofóbicos pelo lugar e pelas pessoas que ali vivem.

No que diz respeito à exclusão do idoso da família, podemos observar, no fragmento (10), que a entrevistada considera a instituição como uma casa de idosos, na qual a dinâmica do lugar é harmoniosa. Esta visão pode ser ilustrada pela fala “todo mundo trata todo mundo bem”. Um ponto a ser destacado diz respeito aos horários, que são estabelecidos na instituição, assim como em nossas casas. Todas as atividades têm horários para serem realizadas.

(10). Eu acho um ótimo lugar, porque se ele ficar na rua, ele pode ser maltratado. Se ele ficar muito com filho, porque a maioria dos filhos não quer ficar com os pais, então aqui é a casa de idoso. Todo mundo trata todo mundo muito bem, tudo na hora certinha: café da manhã, almoço, medicação, merenda, a janta. Tudo, tudo em seu devido lugar, tudo certinho. Então aqui é um lugar melhor para eles [...]. (ENTREVISTADA 02)

Ainda na perspectiva da representação da instituição pesquisada como um lugar de abandono, podemos observar nos fragmentos (11), (12) e (13) que o abandono é um estímulo para o fortalecimento do vínculo afetivo entre o cuidador e o idoso.

(11). Para alguns, não todos, é muito pouco, mais um menos um, dois, três internos, no máximo, a família deles somos nós que trabalha aqui porque aqui eles estão convivendo todo dia, todo dia. Nós passamos a ser a família deles e eles passam a ser a nossa família, seja na situação de felicidade ou de tristeza. Nós é que estamos aqui cuidando deles, medicando eles, dando carinho para eles, porque a família deles mesmo não vem. (ENTREVISTADA 02)

(12). Eles são abandonados pela família aqui. Muitos deles têm família aqui. Mas é um lugar de muita paz, um ambiente de muita paz. (ENTREVISTADA 05)

(13). Aí num sei, sei lá... eu acho muito esquisito. É um lugar de paz, tranquilo, eles se sentem bem, mas eu acho um lugar muito triste, por causa da situação, eu acho. Não é por eles estarem aqui. É por eles serem abandonados. Não é por conviver aqui, não é pelo convívio. É por eles serem abandonados pela família, sabe? Muitos abandonam. Vêm, colocam aqui e tchau. E não querem nem saber. Eu acho que é muito triste. Muito triste! (ENTREVISTADA 08)

Entretanto, nos fragmentos supracitados, podemos notar que apesar da instituição aparecer como um lugar de abandono, ela consegue despertar a sensação de paz e tranquilidade nas entrevistadas.

Porém, no fragmento (13), a entrevistada tem uma sensação de estranhamento com o lugar, mesmo ele despertando paz e tranquilidade. Esse estranhamento deve-se ao fato dos familiares abandonarem os idosos na instituição. A entrevistada reforça ainda mais o abandono dos idosos ao usar a expressão “Vêm, colocam aqui e tchau. E não querem nem saber”.

Nos fragmentos (14), (15), (16) e (17) podemos notar que um dos motivos para o abandono diz respeito ao fato da família do idoso não conseguir conciliar a atividade de cuidar com as atividades de casa e do trabalho assalariado. Outro motivo identificado estaria relacionado à falta de interesse crua e nua das famílias em cuidar dos idosos.

(14). A maioria é porque a família coloca. Às vezes por não ter condição de cuidar, a família tem que trabalhar. Ou não tem condição de pagar alguém de confiança para cuidar, porque tem que ser de confiança para cuidar, porque não vai deixar... e a família não tem condição de pagar o cuidador e acaba que a família põe aqui. A maioria dos internos aqui é a família que põe. (ENTREVISTADA 02)

(15). Às vezes é... dá um infarto ou um AVC. Aí fica internado e a família não tem condições de cuidar, não tem jeito de tomar conta. Daí traz para cá e aqui já fica. E outras traz porque não quer cuidar mesmo, não quer. Infelizmente, é a realidade né? (ENTREVISTADA 01)

(16). Os que têm família, a família sempre alega porque não tem tempo de ficar cuidando, trabalha fora e depende de horários, porque tem que ter uma atenção, horário de comida, medicação, então é sempre assim. A maioria é sempre essa justificativa. (ENTREVISTADA 04)

(17). Ah, a maioria vem e diz que trabalha fora, que não tem tempo de cuidar, que tá sozinho em casa, não acha quem cuida. É isso que eles alegam, que para pagar uma pessoa é muito caro, não dão conta. São essas situações que eles alegam. São poucos que vêm por causa de doença. São poucos os que vêm. A maioria é porque a família alega que não tem tempo de cuidar. (ENTREVISTADA 03)

Entretanto, e mesmo assim, as cuidadoras veem a instituição, simultaneamente, como lugar de abandono e de acolhimento. Nos fragmentos (18), (19), (20) e (21), podemos notar que a instituição aparece como um lugar importante para os idosos.

(18) É porque eu acho importante aqui. Imagina se não tivesse o lugar para acolhê-los? Como que ia fazer? Então isso envolve tudo. Envolve o município todo porque aqui é um acolhimento. Já pensou se não existisse esse tipo de lugar prá eles? Como é que muitos iam fazer? Iam ter que sair prá fora da cidade e ir prá outro lugar. (ENTREVISTADA 08)

(19) Eu acho que aqui é muito importante porque assim, se não tivesse um lar para acolher eles, com certeza eles estariam com a família. Mas acho que nem todos teriam paciência de cuidar porque a gente vê e a gente sente que eles sentem. Alguns não têm família. Então, se não tivesse esse lar para acolher, não tivesse os lares né? Porque, independente de ser esse ou qualquer um, outro lar para acolher, talvez eles estivessem na rua por não ter família. E aqui eles têm porque acaba que a gente se torna a família deles. (ENTREVISTADA 01)

(20). Ah... muito importante porque se não tivesse aqui, onde eles estariam hoje? Às vezes na rua mendigando, sofrendo né? É muito importante prá eles, acolhedor prá eles. (ENTREVISTADA 07)

(21). Ah! É um lugar muito acolhedor, um lugar de acolher né? Um lugar acolhedor. É muito importante isso aqui. É uma casa que precisa muito. Se tivesse mais, era melhor porque tá necessitando muito. Ninguém tá tendo paciência. Filho não tá tendo paciência para cuidar do pai mais. Então, tendo um lugar para acolher eles... Isso é muito importante para eles né? Às vezes eles vão viver até melhor do que se estivessem com filho que não tem paciência, que maltrata. E aqui não. Eles são muito bem tratados, são muito bem acolhidos, né? É muito melhor a qualidade de vida deles. Muitas das vezes com o filho hoje, eles não teriam o que têm. Se tivesse com filho, às vezes muita paciência, muito amor... A gente não supera a falta da família, a gente não supera. Mas, a gente tenta recuperar, a gente pode dar o amor que for prá eles e carinho. Mas, nunca é a mesma coisa. Sempre eles vão sentir falta. Às vezes de um filho, do irmão, sempre vai sentir falta. (ENTREVISTADA 06)

No fragmento (18), por exemplo, a instituição (ILPI) aparece como um lugar de extrema importância para os idosos que não têm família ou que são abandonados por ela no município. Além disso, a entrevistada ressalta que, caso não existisse a instituição no município, os idosos deixariam suas raízes, seu pertencimento e vivências, pois teriam que migrar para outro município.

Diante disso, podemos levantar a hipótese de que a transição do idoso para uma instituição de longa permanência, no município de sua residência, provocaria, inicialmente, uma mudança brusca em sua vida. Então, considerando a mudança para uma instituição em outro município, certamente isso acarretaria consequências mais drásticas para a vida do idoso, se comparada à primeira situação.

Ainda na vertente da instituição como um lugar acolhedor, podemos verificar, nos fragmentos (19) e (20), a importância do lugar na vida dos idosos. As entrevistadas consideram que, se não fossem as ILPIs pesquisadas, os idosos poderiam estar nas ruas, “mendigando”, e sem família. O processo de acolhimento do idoso no lugar (instituição) faz, neste sentido, com que as cuidadoras criem uma representação da instituição como um lar acolhedor, que se configura com uma família criada por idosos e cuidadoras.

É oportuno lembrar as condições em que os idosos viviam antes de morar na instituição. No fragmento (21), a entrevistada considera que, dependendo do contexto social no qual estava inserido o idoso, ele terá melhor qualidade de vida na instituição do que com a família. A entrevistada pondera, ainda, que os sentimentos de amor e paciência que os idosos recebem na instituição, talvez não fossem proporcionados por seus filhos.

Efetivamente, nos termos apresentados por Tuan (1983), que afirmava que nos lugares conseguimos sustentar nossas necessidades, os fragmentos (22), (23), (24), (25) e (26) demonstram a necessidade do lugar (instituição) para o idoso.

(22). Aqui é um lugar tranquilo, onde eles poderiam viver bem, se alimentam bem, é tranquilo. Aqui é tranquilo. (ENTREVISTADA 06)

(23). Aqui tem uma importância para eles, que eu acho que é das pessoas cuidarem bem deles. É onde eles podem ter a refeição na hora certa, remédio, banho, tudo na hora certa. (ENTREVISTADA 05)

(24). Tem muitos que não têm nem metade do que tem aqui em casa. Para eles, aqui é muito importante. (ENTREVISTADA 04)

(25). Assim, eles são bem cuidados. A questão de comida é muito boa, o cuidado com eles também, então assim, prá eles... Tem muitos que não têm esse cuidado daqui em casa, e acaba se tornando bom. (ENTREVISTADA 03)

(26). Aqui não é maltratado, a gente olha na volta do dia quem trata bem e quem não trata... A comida deles aqui não é comida ruim, porque o que posso fazer de bom eu faço prá eles. Se não tem a comida, às vezes, mas nós tenta cobrir o pouquinho. Nós não vai servir igual à família. Se nós pudesse alimentar eles, a parte da família, nós alimentava.... Mas nós não podemos. (ENTREVISTADA 07)

Nos fragmentos supracitados, constata-se que a ILPI pesquisada adapta a sua dinâmica às necessidades dos idosos. Além disso, o cuidado parece ser o aspecto principal do lugar para as cuidadoras, motivo que, podemos notar, justifica a razão por meio da qual a instituição auxilia na recuperação da saúde e bem-estar dos idosos institucionalizados, propiciando experiências e vivências íntimas e aconchegantes para eles.

Ademais, a noção acerca do que é uma instituição de longa permanência para idosos pode ser facilmente constatada por agentes sociais exteriores, visto que o próprio nome faz referência à proposta da instituição. Porém, os sentidos que são despertados pela instituição de longa permanência só podem ser percebidos por agentes interiores.

Nessa perspectiva, o fragmento (27) demonstra a representação da entrevistada nas posições de agente exterior e interior, ou seja, antes e após adentrar a instituição, atuando como cuidadora, respectivamente. Observe que antes de trabalhar como cuidadora na instituição, a entrevistada tinha a concepção de que os idosos eram sozinhos e abandonados, mas, ao adentrar a instituição, pôde sentir uma sensação boa porque a representação que ela tinha formulado não era a mesma que ela estava vivenciando.

(27) Eu tinha uma impressão totalmente diferente do que é, da que eu tenho hoje. Então a primeira vez que eu vim, eu tive a impressão diferente do que eu imaginava. Então foi uma sensação boa porque era melhor do que aquilo que eu imaginava. Eu imaginava que eles ficavam muito sozinhos, que às vezes eles não era bem tratados né? A impressão que a pessoa tem de abrigo

é que aqui o idoso está jogado, que a família pegou, deixou o idoso aqui e abandonou. Então era essa impressão que eu tinha, era de abandono. (ENTREVISTADA 01)

Ainda sobre as representações das cuidadoras antes de adentrar a instituição, podemos verificar, no fragmento (28), que a entrevistada morava próximo à instituição, passava na sua porta e não sabia como era. E, ao principiar na instituição, como agente interna, sentiu uma sensação estranha por ser a sua primeira vez naquele espaço.

Porém, com o passar do tempo e, em decorrência das interações com as pessoas internas na instituição, a identificação com o lugar foi despertada. Esse fragmento parece demonstrar que, inicialmente, a entrevistada considerava a instituição como um lugar indiferenciado, mas, com a sua vivência, a instituição passou a ser classificada pela entrevistada como um lugar.

(28) Eu senti uma sensação estranha. Já morei perto, nunca tinha vindo aqui. Eu passava na porta e nem sabia como era. Então, foi estranho, diferente... foi muito estranho e diferente. Hoje, eu sinto bem, muito bem. O ambiente eu gosto, me sinto muito bem. (ENTREVISTADA 05)

Importante ressaltar que as sensações diante de um lugar podem continuar inertes, mesmo que o sujeito tenha grande ligação com ele. Isso pode ser constatado no fragmento (29) no qual a entrevistada relata que quando entrou na instituição pesquisada, sentiu-se triste pela conjuntura em que se encontravam os idosos (longe da família, alguns abandonados, etc.) e que essa sensação de tristeza permanece até hoje.

(29) [...] quando eu entrei aqui, eu senti que era muito triste né? Para eles que vivem aqui. Eu tenho muito... Não é pena sabe? Mas eu acho que é triste assim, porque é longe da família. Tem muita família que não procura. Eu acho que eles se sentem muito sozinhos... Prá mim, assim, eu acho que eles se sentem isolados da família. É isso, eu senti que é um lugar muito triste porque eles são abandonados pela família aqui. Muitos deles têm família aqui. Mas é um lugar de muita paz, um ambiente de muita paz. (ENTREVISTADA 06)

Portanto, mesmo relacionando-se com o lugar, a cuidadora qualifica a instituição como um lugar triste por estarem os idosos longe de suas famílias. Entretanto, apesar de ser um lugar triste, devido às circunstâncias que levaram os idosos a migrarem para a instituição, a entrevistada o classifica também como um lugar de paz.

Além do mais, podemos verificar, no trecho (30), que o pertencimento ao lugar faz com que a entrevistada questione sobre o futuro do local, devido ao seu apego pela instituição. Assim, a entrevistada utiliza a frase “quando a gente tá de fora, a gente vê de uma maneira. Mas quando a gente entra, vê tudo de uma forma completamente diferente”, indicando que as representações do lugar abrangem perspectivas diferentes, pois, para o agente externo, a instituição tem uma representação completamente diferente daquela experimentada pelo agente interno.

(30) [...] uma sensação assim: será que futuramente o que vai acontecer? A gente se apega. É dessa forma. E é uma forma assim: quando a gente tá de fora, a gente vê de uma maneira. Mas quando a gente entra, vê tudo de uma forma completamente diferente. A gente vê a vida por outro lado. (ENTREVISTADA 08)

Também foram identificadas as experiências das cuidadoras com o lugar, sendo que os fragmentos (31) e (32) destacam as experiências com o lugar, a partir da troca simbólica de histórias de vida dos idosos.

(31) Aqui eu me sinto mais em paz, porque cada um tem a sua história. Então você vai conversando com cada um. Às vezes você chega aqui aflita, às vezes abafada, chega aqui, some. Entendeu? Aí, assim, você se sente aliviada, tirou aquele peso das suas costas. É uma coisa que não dá nem para descrever. Para mim é muito importante, significou muito desde o primeiro dia e está significando até hoje. Porque se eu não estivesse aqui devido a alguns problemas familiares que eu já tive, eu nem sei... Aqui eu me apeguei muito com eles e eu me sinto aliviada, feliz. (ENTREVISTADA 02)

(32) Eu gosto demais daqui. Ixi, eu gosto demais, eu gosto. Nossa, de conviver, eu gosto muito de conviver com eles. Gosto muito das experiências que eles passam prá gente. A gente aprende muito trabalhando aqui. A gente aprende a ser humilde, a gente deixa muita coisa para trás. É que às vezes a gente faz coisa errada e depois vai e pensa. A gente aprende muito com eles. A gente aprende muita coisa, aprende sim. (ENTREVISTADA 06)

No fragmento (31), as experiências vivenciadas pelos idosos, no passado, e contadas na instituição, para as cuidadoras, fazem com que o lugar transmita paz. As sensações íntimas despertadas na entrevistada parecem trazer um alívio acerca de problemas familiares relacionados ao seu passado. Diante disso, podemos constatar que a instituição apresenta-se como um lugar íntimo, no qual a entrevistada supre suas necessidades emocionais e psicológicas, pois, segundo ela, os sentimentos de aflição e abafamento findam naquele lugar. É preciso notar, ainda, que o lugar desperta as sensações de alívio e felicidade na entrevistada. No entanto no fragmento (32) a troca de experiências aparece como uma chance de aprendizado, pois a convivência com os idosos possibilita que sejam realizadas reflexões particulares pela entrevistada.

As primeiras sensações com o lugar estimulam sentimentos topofóbicos e topofílicos nas pessoas que adentram a instituição. Mas, essas sensações podem ser convertidas de um sentimento a outro, ou seja, a pessoa pode ter sentimentos topofóbicos com o lugar e na medida em que o vivencia e tem experiências com ele, suas sensações topofóbicas são transformadas em sensações topofílicas.

Podemos verificar a passagem desses sentimentos no fragmento (33), uma vez que a entrevistada sentia a sensação de nojo pelo lugar, sensação decorrente das atividades que ela deveria exercer no lugar, como lavar banheiro, retirar fezes e limpar o sangue no chão. Assim, os sentimentos topofóbicos foram despertados no primeiro dia em que a entrevista entrou no lugar e ela imaginou que não iria continuar no trabalho por causa das qualificações do local, ou seja, as atividades que ela deveria desenvolver na instituição. Porém, a partir da vivência e experiência com o lugar, as atividades que despertavam o nojo na entrevistada foram naturalizadas.

(33) No primeiro dia eu achei que eu não ia ficar por causa do tipo do trabalho que é. Assim, em vim mexer com fezes né? Quando eu falei que vinha, eu achei bom, mas quando eu comecei a exercer a função, eu não ia ficar. [...] eu tinha nojo, eu ia comer e a comida não descia porque quando eu entrei, eu trabalhava de dia na parte da limpeza. Então, eu lavava banheiro,

tirava as fezes e quando machucava, tinha sangue no chão. Aí eu ficava com nojo, muito nojo. Aí eu me acostumei. Hoje prá mim... eu lavo, dô banho, troco e limpo eles. Eu lavo a mão, venho aqui na cozinha faço o lanche prá mim. É tudo normal. Não tem nada de diferente. (ENTREVISTADA 04)

A dimensão emocional também influencia para a fundamentação do lugar, como podemos identificar no fragmento (34), no qual o medo de perder o emprego desperta a sensação de um futuro sentimento de topofobia pelo lugar, conforme pode ser constatado quando a entrevistada utiliza a frase “se eles me mandarem embora, eu acho que eu entrava até em depressão porque nem passava mais nessa rua”. Verifica-se que a depressão e o evitar passar na rua estão diretamente ligados ao lugar pois, ao criar a representação de que não irá mais frequentar o lugar (instituição), a entrevistada cria sentimentos de topofobia, que pode vir a ocorrer, caso ela seja dispensada do seu trabalho um dia.

(34) [...] Aí eu penso assim: se algum dia eu sair ou se eles me mandar embora, eu não passo nem na rua mais. Porque sei lá, porque eu acho assim: ou eu saio por vontade ou não saio. Se eles me mandarem embora, eu acho que eu entrava até em depressão porque nem passava mais nessa rua. (ENTREVISTADA 05)

Mas, ainda é a partir da dimensão temporal que criamos interações com os espaços e com as pessoas, que também se relacionam com eles. Assim, podemos observar nos fragmentos (35), (36), (37) e (38) que, apoiados nas interações, criamos relacionamentos de convivência com as pessoas e com os espaços, sendo que esses relacionamentos possibilitam conhecer intimamente todos os aspectos que envolvem o espaço e as pessoas e à medida que esses relacionamentos ganham sentimentos, experiências e vivências, transformamos o espaço em lugar.

(35) [...] esses dias tinha uma internada que estava meio doentinha. Eu fiquei preocupada: será que ela tá bem? Será que ela melhorou? Como que tá meu Deus? Será que ela tá dando trabalho para a menina da noite, porque ela trabalha sozinha né? Eu penso assim: Senhor, guarda aquele lugar, proteja! A gente tem preocupação cria uma segunda família da gente. (ENTREVISTADA 02)

(36) Ah, sim, eu fico pensando neles, o que eles estão fazendo... Será que eles já comeram? Será que estão bem? Principalmente quando a gente sai e tem um que tá mais doentinho... E, assim a gente pensa... Será que ele melhorou? Costumo até ligar para saber como que tá. (ENTREVISTADA 01)

(37) Por incrível que pareça, sim. Como ele tá, se tá todo mundo passando bem, se tá todo mundo dormindo bem. (ENTREVISTADA 03)

(38) Não, porque a gente fica... fica fazendo parte da vida da gente. Sempre tem alguma coisa que envolve, que a gente pergunta. Às vezes eu tô em casa e converso com as funcionários noturno e pergunto como que tá, se eles passaram bem. Acaba envolvendo, querendo ou não, acaba envolvendo no dia a dia. Eu saio, mas continuo conectada nesse lugar. Querendo, ou não, a gente fica porque é das 7 às 7. Então, a gente fica. (ENTREVISTADA 08)

Dessa maneira, no lugar é que se desperta o pertencimento, ou seja, as pessoas sentem-se pertencidas aos lugares. E é através do pertencimento que nos conectamos com os lugares, de modo que podemos sair por um instante, minutos, horas e, até mesmo dias, que, ainda assim, despertaremos lembranças, sentimentos, sensações e preocupações com estes.

No fragmento (35), podemos notar que a entrevistada faz uma ligação entre os idosos, que estão na instituição (lugar), e o lugar, pedindo uma proteção divina para o lugar. A sua preocupação com os idosos e com a instituição potencializa o seu sentimento de pertencimento ao lugar (instituição).

A imaginação e o pensamento fazem com que nos conectemos aos lugares, sendo que os fragmentos (36) e (37) demonstram essa conectividade com o lugar, a partir do pensamento. Isso acontece porque as entrevistadas se preocupam com o lugar e pensam na dinâmica da ILPI, o que pode ser examinado nas expressões “O que eles estão fazendo?”; “Será que já comeram?”; “Costumo até ligar para saber como que tá”; e, “Se tá todo mundo dormindo...”. Essa preocupação com os idosos gera, automaticamente, a conectividade com o lugar, a partir do pensamento e da imaginação.

Ainda sobre o vínculo com o lugar, a partir do pensamento, podemos verificar, no fragmento (38), a conexão da cuidadora com o lugar (instituição), pois a entrevistada afirma que “Eu saio, mas continuo conectada nesse lugar”, de maneira que mesmo nos dias de folga, o lugar (instituição) é memorável. Essa conexão se materializa por meio das interações sociais que acontecem na instituição e o cuidado pontualmente é o elo do lugar, que liga idoso e cuidador na instituição.

Considerações finais

Esse estudo buscou compreender as representações sociais do lugar – instituição de longa permanência – na perspectiva dos cuidadores. Assim, verificou-se que as cuidadoras entrevistadas parecem classificar a ILPI como um lar, ou seja, como uma segunda casa, sendo que o pertencimento delas ao lugar (instituição) deriva do contato direto com o espaço, devido ao fato de passarem doze horas seguidas na ILPI, bem como do vínculo afetivo estabelecido com os idosos.

Assim, em conformidade com a representação da ILPI, enquanto um lar, as cuidadoras apresentam sentimentos de amor, carinho e cuidado, o que nos leva a reafirmar a sua identidade com a instituição.

Ademais, a instituição pesquisada aparece, também, como um lugar de apoio, mas, simultaneamente, como um lugar de abandono. Nesse sentido, as palavras abandono e apoio aparecem como ação de complemento porque a qualificação da ILPI como acolhedora está relacionada ao contexto do abandono familiar dos idosos. Portanto, as situações dos idosos abandonados pelas suas famílias remetem à representação da instituição como um lugar de abandono.

Entretanto, em razão da qualificação de lugar acolhedor, a instituição adquire valor, pois nesse enquadramento, exerce uma função importante para os idosos desamparados pela família e para aqueles cujas famílias não conseguem mais desenvolver o cuidado. Assim, a ILPI apresenta a singularidade de ser o único lugar capaz de suprir as necessidades dos idosos que necessitam de cuidados.

Por fim, quanto à experiência íntima das cuidadoras com o lugar, as qualificações foram despertadas pelo histórico de vida dos idosos, de modo que as experiências vivenciadas por eles causam a sensação de paz e tranquilidade no lugar.

Referências

BARTOLY, Flavio. **Shopping Center: Entre o Lugar e o Não-Lugar**. 2007. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2007.

BENDASSOLLI, Pedro; FALCÃO, Jorge. **Psicologia do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho**. Univ. Psychol. Bogotá, Colômbia. V.12, n.4.p.1153-1166. 2013. Disponível em:<<http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/6494/5921>>. Acesso: 10 de janeiro de 2017.

BONFIM, Mirele; GONDIM, Sônia. **Trabalho emocional: demandas afetivas no exercício do trabalho**. Salvador. EFBA, 2010. Disponível em:<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1049/1/Trabalho%20emocional_Reposit%C3%B3rio.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2016.

CAMARANO, Ana Amélia. **Cuidados de longa permanência para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?**. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (org.) Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care. São Paulo, Atlas, 2013, p.148-165.

CARSALADE, Flávio. **Desenho contextual: uma abordagem fenomenológica-existencial ao problema da intervenção e restauro em lugares especiais feitos pelo homem**. 2007. 307f. Tese (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2007.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis. Ed. da UFSC, 2007.

DINIZ FILHO, Luís Lopes. **Fundamentos Epistemológicos da Geografia** – Curitiba: IBEPX 2012, Coleção metodologia do ensino de história e geografia.

FERREIRA, Luís Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo**. Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 65-83, jul/dez. 2000.

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi. **Cuidado e cuidadoras: O trabalho care no Brasil, França e Japão**. Sociologia Antropologia. Tradução: Philippe Dietman. 2007. Disponível em:<http://economiadalongevidade.com.br/site/wpcontent/files_mf/1379632656artigo_nadyaguimaraeshelenahiratakurumisugita.pdf> Acesso em: 15 de janeiro de 2017.

HOCHSCHILD, Arlie. **The Managed Heart: Commercialization Of Human Feeling**. Berkeley. The University of California Press, 2003.

HOLZER. Werther. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea**. Geographia. n. 10, 2003.

_____. Werther. **O lugar na geografia humanista**. Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul/dez. 1999.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MELLO, João. **O triunfo do lugar sobre o espaço**. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO** 2002. Brasília: MTE, 2002.

MOLINIER, Pascale. **Ética e trabalho do care**. In: Cuidado e cuidadoras. As várias faces do trabalho do *care*, São Paulo, Atlas, 2013, p. 29-43.

OLIVEIRA, Livia. **O sentido do lugar**. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZER; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

RELPH, Edward. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar**. In:

MARANDOLA, Eduardo; HOLZER; OLIVEIRA, Livia (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

SOARES, Angelo. **As emoções do care**. In: HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (org.) Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do *care*. São Paulo, Atlas, 2013, pp.44-59.

SOUZA, Marcelo. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

STANDING, Guy. **Global labour flexibility**. Seeking distributive justice. London. Macmillan Press, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1974.

ZELIZER, Viviana. A economia do *care*. **Revista de Ciências Sociais**. Porto Alegre. V.10, n.3, p. 377-391, set/dez. 2010. Disponível em:< <http://www.redalyc.org/html/742/74221657002/> :>. Acesso em: 05 de janeiro de 2017.

Artigo recebido em 13-07-2018
Artigo aceito para publicação em 27-02-2019